

A EPÍSTOLA HORACIANA EM JUAN BOSCÁN. O CLASSICISMO CORTESÃO NA CORTE ESPANHOLA DO SÉCULO XVI

Ricardo Hiroyuki Shibata

O poeta e tradutor, Juan Boscán foi, sem dúvida alguma, a figura mais importante dos momentos iniciais do Renascimento em Espanha no século XVI. Foi ele o responsável não só por aclimatar as formas e os temas presentes nos escritores da Antiguidade clássica, mas também por incentivar e divulgar a obra de muitos excelentes poetas de seu círculo literário mais próximo. A fama dos jovens poetas, à época, e hoje em dia muito conhecidos e estudados pela historiografia literária, Garcilaso de la Vega e Diego Hurtado de Mendoza, devem muito à generosidade de Boscán. Menéndez Pelayo diz de maneira definitiva que o escritor catalão foi um dos “grandes artífices inovadores” da literatura hispânica nos tempos do imperador Carlos V. A tal ponto que “todo lo anterior (...) parece arcaico y está adherido aún al tronco de la Edad Media” (MENÉNDEZ PELAYO, 1945, pp.101-102).

Pois bem, é justamente nesse sentido de resgatar a figura de Boscán que cabe investigar, de modo historicamente verossimilhante, os parâmetros mais precisos de sua apropriação das matrizes classicizantes. Dessa forma, particularmente, se os mais célebres hispanistas ainda debatem o caráter horaciano (e inaugural) da epístola em verso de Garcilaso de la Vega enviada a Juan Boscán, pelo menos num ponto todos eles são absolutamente unânimes: a troca epistolar entre Hurtado de Mendonza e Boscán, mais precisamente, duas epístolas em verso denominadas “Epístola de Don Diego Hurtado de Mendonza a Boscán” (redigida c.1540) e “Repuesta de Boscán a Don Diego Hurtado de Mendonza” (c.1540), seguem, sem sombra de dúvida, o modelo horaciano. Aquela, de Hurtado de Mendonza, seria, então, de fato, a primeira epístola marcada pela imitação direta de uma dada composição epistolar em verso de Horácio, o que contraria a proposição amplamente disseminada pelos trabalhos críticos de Rafael Lapesa (LAPESA, 1967, pp.144-146; LAPESA, 1948, p.56) e de Elias Rivers (1954, pp.187-196). Para López Estrada, esta epístola conseguiu manejar brilhantemente o aparato das metáforas pastoris, presente nas églogas, com o elenco de matrizes estóicas, cuja tipicidade era própria da produção literária horaciana:

En esta epístola canta las excelencias de la vida hogar, disfrazada tras la imagen pastoril, y también la alabanza del hombre justo y bueno que siente el anhelo de una existencia tranquila y en paz del Señor. Puede incluso pensarse en un principio de literatura de “evasión” si se considera

esto del abandono de la corte, del despliego por la misión en la sociedad para buscar mejor refugio en la perfección de sí mismo. (LÓPEZ ESTRADA, 1961, p.95).

Vale lembrar que as três referidas epístolas em verso foram publicadas pela primeira vez nas *Las Obras de Boscán y algunas de Garcilaso de la Vega*, publicadas em 1543, o que sinaliza claramente a primazia letrada de Juan Boscán (porque o mais velho e, à época, o mais famoso), seguido imediatamente por Garcilaso e Hurtado de Mendoza; todos eles secundados por outros autores menos conhecidos atualmente, quanto igualmente importantes, como Mosén Durall, Gutierre de Cetina, Jerónimo Augustín e Monleón. (ALVAR, 2020, p.232)

De qualquer forma, é preciso esclarecer, desde já, que as epístolas em verso trocadas entre Boscán e Mendoza são claramente horacianas, porque ambas se fundamentam na emulação e, em alguns momentos na própria tradução quase literal, da tão conhecida epístola em verso *Nil admirari* (I, VI), considerada a mais doutrinal de todas as epístolas de Horácio. Além disso, foram escritas em *terza rima* e não em versos brancos, e, ao seguir o modelo horaciano, Boscán e Hurtado de Mendoza pressupõe que a epístola escrita em verso possuía como função precípua dar bons conselhos sobre a conduta ética mais adequada para se empreender a vida em virtude.

Nesse sentido, a epístola "Respuesta de Boscan a Don Diego Hurtado de Mendoza" organiza-se a partir de três tópicos fundamentais, complementares e mutuamente dependentes. O primeiro, a constituição de um retrato (*ethos*) favorável de si mesmo com fortes marcas do sábio (filósofo) estóico. O segundo, o tema do *beatus ille* amplificado pela animada descrição da vida de Boscán na corte, que pode ser dividida, por sua vez, em três outros tópicos: o contraste entre o contentamento da vida no campo com as ambições desmedidas da vida na cidade; a descrição da vida no campo em companhia de verdadeiros amigos e de boa comida, e a dedicação e o amor à leitura dos excelentes autores antigos, com forte presença de elementos autobiográficos; e o uso sistemático de elementos pessoais do remetente, com enorme ganho para ao estreitamento das relações de amizade com o destinatário.

É justamente por isso que, dessa forma, o tema do "en maravillas no marauillado i estara, sin sentir iamas extremas" (vv. 44-45) de matriz horaciana quadra perfeitamente com a versão estóica da ataraxia de alguém que, fora dos laços da paixão e do enredado dos desejos desmesurados, é capaz de aconselhar o destinatário com ordem e equilíbrio. Aqui, a esse ideal do sábio acrescenta-se igualmente a famosa tópica da *aurea mediocritas* clássica, que se adquire seguindo os preceitos da filosofia. Mesmo porque a aspiração a uma vida tranqüila, distante do tumulto das paixões ou da vida mundana, reivindica uma quietude ideal efetivamente cultivada em sua plenitude. Diz Boscán que:

No curemos de andar tras los extremos,
pues dellos huye la philosophia,
delos buenos autores que leemos.

(...)

Ande firme y derecha la templança,

Como hombre que pasea por maroma
Que no cae, porque no se abalança.
(...)

El estado mejor de los estados,
es alcanzar la buena medianía,
con la qual se remedian los cuydados.

(BOSCÁN, 1546, fol.156; vv.109-111, vv.121-123 e vv.124-126)

E atendendo plenamente ao modelo horaciano, Boscán propõe a vida retirada no campo, não em solidão, mas em companhia da esposa – essa amiga mais verdadeira e sincera. Como se sabe, a questão do casamento não fazia parte do decoro poético das epístolas de Horácio, a despeito de ter sido um dos *topoi* mais discutidos no Humanismo espanhol (“Y asi yo por seguir aquella uia, / beme casado con una muger, / ques principio y fin del alma mia”, BOSCÁN, fol.156, vv.127-129). Uma tópica, com vasta disseminação pela literatura europeia do século XVI, compreendendo autores do quilate de Antonio de Guevara e de Rabelais (PÓNTON, 2002, p.185ss). Em Portugal, no famoso poeta Francisco de Sá de Miranda (1481-1558), cuja estreita amizade com Boscán era muito conhecida, a tópica comparece na epístola em verso “A João Ruiz de Sâ de Meneses”:

Fui posto em gram diferença
Se casaria, se não?
Houve de sair sentença
Que a sô u[m]a desse a mão,
Às outras boa licença.

Isto assentado, Amor deu
Claro sinal que era ali;
Eu o som do coldre, eu
O som das setas ouvi.
(MIRANDA, 1989, p.231, vv.208-212)

Juan Boscán chega mesmo a afirmar, com o aval da nota autobiográfica, que o casamento e as letras, enquadrados estrategicamente nesse ambiente campesino, são os elementos que concorrem para a verdadeira felicidade. Quer dizer:

De manera señor, que aquel reposo
que nunca alcance yo, por mi uentura,
con mi philosophia triste y pensoso:
Vna sola muger me la assegura,
y en perfeta sazon me dã en las manos.
(BOSCÁN, 1546, fol.135, vv. 140-144)

No entanto, para se distanciar do modelo horaciano, Boscán concebe a vida no campo, não como a crítica à vida na cidade (*fugere urbem*) – a despeito de observar os males e perigos do vulgo e dos maliciosos –, cujo tema

será glosado tantas e tantas vezes pela epistolografia peninsular do século XVI, entretanto, como tempo necessário e estratégico de repouso a fim de recuperar as forças para as atividades da vida cívica:

Passaremos assi buena iornada,
Agora en la ciudad ora en la aldea,
porque la uida este mas descansada.
Quando pesada la ciudad nos sea,
Iremos al lugar con la compañía,
adonde el importuno no nos uea,
Assi se biuira con menos maña,
Y no aura el hõbre tãto de guardarse,
del malo o del grosero que os engaña.
(BOSCÁN, 1546, fol.158, vv. 220-228)

Nesse sentido, a epístola de Boscán guarda muitas semelhanças estruturais com a epístola de Hurtado de Mendoza ("Epístola de Don Diego Hurtado de Mendoza a Boscan"), pois, além, obviamente, de ambas emularem o modelo das epístolas horacianas em verso, elas também se apropriam dos temas do *beatus ille* e do *nil admirari*, desempenhando-os na mesma *dispositio* retórica, desenvolvendo a questão do elogio do campo e dos proveitos que a vida distante da corte pode proporcionar em termos morais e utilizando o recurso de incorporar traços autobiográficos em meio aos conselhos de índole moral (embora esse traço seja muito mais presente em Boscán do que em Mendoza).

No entanto, Mendoza, por sua vez, desempenha a tópica do *nil admirari* de modo muito mais próximo daquele realizado por Horácio, mesmo porque a primeira metade de sua epístola é quase tradução literal da epístola horaciana, porém, agora, a ênfase recai no problema da *aurea mediocritas*, que tinha sido pouco trabalhada pela epístola de Boscán (REICHENBERGER, 1949). De fato, não há por parte de Hurtado de Mendoza qualquer esforço inventivo de se distanciar dos temas horacianos por excelência, porém tão-somente apenas de seguir os preceitos e motivos de Horácio bem mais de perto e adaptá-los ao contexto quinhentista peninsular.

Em Juan Boscán, a direção argumentativa leva em conta claramente o contexto palaciano, em que se movem os letrados da época. Isto é particularmente visível quando Boscán utiliza o *topos* do "El no marauillarse hombre de nada / me parece Boscan ser una cosa que basta a damos uida descansada" (BOSCÁN, fol.148, vv.1-3) em relação à vida na corte e à cobiça dos cortesãos:

Que iuzgas de la tierra, y sus rincones
del espacioso mar, que assí enriquece
los apartados índios con sus dones
Que dizes del que por subir padece
la ira del soberuio cortesano?
y el desden del priuado quando crece.
(BOSCÁN, 1546, fol.148, vv.110-115)

A partir daqui, os argumentos de Boscán se dirigem a exaltar a dedicação à filosofia e aos preceitos da vida virtuosa, em particular, com o espírito de desprendimento em relação aos bens materiais, que “al hombre toma ciego” (fol.150, v.60), distanciando-o da “uirtud (como uiene sola, y pura)” (fol.150, v.92). Somente assim procedendo, pode-se estar “libre de passiones” (fol.152, v.115), “libre de las mareas del gouieno: / y de la loca esperança desabrida” (fol.152, vv.116-117). No entanto, isto só se realiza em seu pleno escopo, com o cultivo da justa mediania, com o retiro para o campo e com a memória dos tempos passados (“el maniar seria / mas rustico, pero dulce y tiemo: / El uino antiguo, nunca faltaria”, fol.152, vv.119-121). Além disso, esse retiro campestre não é o retiro para a uma existência solitária e contemplativa, pois é preenchida, como na argumentação horaciana, pela companhia dos verdadeiros amigos:

Vendria tida la bondad de coraçon
toda la uida sabrosa con Dural.
Traerides con uso a Monleon
Assi se reyrria del bien y del mal
y cada uno hablaria su guisa
y escuchara el que no tiene caudal.
(BOSCÁN, 1546, fol.153, vv. 148-153)

Pode-se afirmar, então, perfeitamente que todas as três primeiras epístolas em verso, publicadas na Península Ibérica, remetem, cada uma a sua própria maneira, ao modelo das epístolas em verso de Horácio. Mais precisamente, para dizer com Elias Rivers, no interior do conjunto de epístolas horacianas, podemos flagrar uma divisão particularmente visível e precisa entre dois tipos de epístolas; cada tipo, com referenciais argumentativos diversos e processos enunciativos, de caráter formal e composicional, distintivos.

Em outros termos, a epístola de Garcilaso de la Vega, elaborada em versos brancos, é, antes de tudo, em seus traços gerais, uma carta pessoal – de fato, é uma lembrança de ocasião –, com enorme grau de informalidade, cujo destaque central é o elogio da amizade, a partir de expressões particulares de estima e troca de afabilidades que conseguem ligar o remetente ao destinatário. Por sua brevidade, essa epístola pode ser considerada um esboço de uma prática letrada de grande envergadura, em que se busca aclimatar o modelo epistolar horaciano, originariamente produzido em latim, para uma língua vernácula peninsular. E, pela simplicidade de seus procedimentos retórico-poéticos, Garcilaso ainda mantém seu referencial nas cartas de índole missiva e basicamente referencial, com sua forte enunciação no âmbito narrativo e discursivo. Equivale a dizer que Garcilaso buscou concentrar a unidade temática de sua epístola, ordenando perfeitamente seus termos coesivos e de verossimilhança, com vistas a ressaltar o caráter ainda informativo de sua epístola. (RIVERS, 1954, pp.193-194)

Isto ocorre, obviamente, em detrimento de um quadro poético mais extenso e mais apropriado à doutrinação filosófica, característica estruturante das epístolas horacianas, que será retomado magistralmente por Boscán.

Mesmo porque, em Horácio, é particularmente visível a tentativa de se apropriar da tradição filosófica de cariz estóico, que era amplamente disseminada em discursos em prosa e em vários tratados doutrinários. Dessa forma, o poeta latino buscava inovar – no sentido de uma imitação não servil – as práticas poéticas do período ao coordenar a carta missiva em verso com os avisos e conselhos em forma de educação moral e civil. Em Garcilaso, a função missiva ainda é a base sobre a qual se assenta todos os seus enunciados; isso, a despeito de certas passagens que remetem a esse objetivo primordial de transmissão de um certo tipo de filosofia.

Por outra, em Hurtado de Mendoza e Juan Boscán, a apropriação do modelo clássico, com referência às epístolas horácianas, é claramente intensivo. De fato, cabe ressaltar o uso da temática da ataraxia de viés estóico, a áurea mediania, a simplicidade dos prazeres campestres e do contato com a natureza e o elogio da amizade, como forma superior de construção dos laços sociais. No entanto, no interior deste conjunto já impressionante de *topoi* que remete estrategicamente ao classicismo da época imperial romana, em Boscán, é possível encontrar outros elementos de maior grau de emulação poética, mais devidamente adaptados ao contexto da expansão política da Coroa espanhola. Não é por acaso que Boscán prega, em sua epístola, que a vida no retiro campestre não serve apenas como remédio necessário para as atribulações da vida comercial, em que se deve apaziguar o espírito pelo cultivo estratégico das letras, mas também que se trata de um momento de reflexão pessoal e de felicidade por uma existência sem grandes convulsões da alma.

Além disso, Boscán, em nenhum momento, refere-se a uma existência em retiro permanente e, portanto, voltada exclusivamente para o aprimoramento pessoal por meio de uma maturação filosófica, conforme doutrinava Horácio e alguns seus êmulos hispânicos do século XVI, no Renascimento espanhol. Muito pelo contrário, segundo o entendimento de Boscán, a vida ativa e a participação no ambiente dos assuntos de participação cívica possuem a sua complementariedade no retiro campestre, no cultivo das letras, na solidificação dos laços fraternais com os verdadeiros amigos e no aprimoramento de si mesmo por meio da filosofia. Dessa forma, o burburinho da corte, os jogos de interesse e a forte pragmática das decisões políticas também são constituintes de uma existência em plenitude, sendo assim socialmente agradáveis.

Mais ainda, o acréscimo da noção de cortesia e dos princípios da filosofia, sobretudo de matriz cristã, aliados aos temas morais presentes em Horácio, demonstra que Boscán, Garcilaso e Mendoza não são apenas repetidores de Horácio. Mesmo porque, na epístola de Boscán a Hurtado de Mendoza, está presente, em destaque, a temática amorosa – do casamento cristão, mais especificamente –, que pela regra do decoro clássico não poderia figurar nas discussões acerca do ideal de vida filosoficamente mais perfeito. O pesquisador espanhol López Estrada observa que o conjunto dessas três epístolas em verso, cujo caráter inaugural na Península Ibérica é, sem dúvida alguma, surpreendente, pode muito bem ser interpretado à luz daquilo que Castiglione, em seu *O Cortesão*, por sinal traduzido por Boscán (CASTIGLIONE, 1942), expõe acerca da teoria do cavaleiro renascentista segundo certa tradição que funda suas raízes nos tratados medievais. Sobre a escrita, o tratado de

Castiglione, que é, antes de tudo, uma teoria da ação para o homem de corte e em que não há situação para a qual não exista um conselho adequado de índole pragmática, sublinha que:

Así, lo que más importa y es necesario al cortesano para hablar y escribir bien es saber mucho. Porque el que no sabe ní en su espíritu tiene cosa que merezca ser entendida, mal puede decirla o escribirla. Esto cumple a sentar con buen orden lo que se dice o lo que se escribe después de expresarlo distintamente con palabras que sean propias, escogidas, llenas, bien compuestas, y sobre todo usadas hasta del vulgo, porque éstas son las que hacen la grandeza y majestad del hablar, si quien habla tiene buen juicio y diligencia y sabe tomar aquellas que más propiamente expresan la significación de lo que se ha de decir, y es diestro en levantarlas, y dándoles a su placer forma como a cera, las pone en tal parte y con tal orden que luego en representándose den a conocer su lustre y autoridad, como las pinturas puestas a su proporcionada y natural claridad (cap. VII). (LÓPEZ ESTRADA, 1961, pp.67-68)

Como se sabe por vários testemunhos poéticos e por outros textos da época, o círculo em que Boscán e seus companheiros nas letras transitavam também era freqüentado por muitos humanistas portugueses de alto quilate. Sá de Miranda, já citado aqui, chega mesmo a referir textualmente, numa epístola a António Pereira, que a vida retirada no campo possibilitava o contato mais pleno com as melhores leituras. Dentre elas, mencionava as obras de Boscán e de Garcilaso. Isto parece deixar entrever que todos esses autores faziam parte de um mesmo "circulo poético" ou de uma mesma "academia literária", com semelhança de temas e de esquemas formais, de modo que cada composição, em particular, poderia sugerir (ou, inclusive, referir) a um diálogo poético entre seus membros.

De qualquer forma, a figura de Juan Boscán foi fundamental para a renovação da literatura hispânica no século XVI. Segundo o famoso testemunho da condessa de Soma, que serviu de prefácio ao livro de poemas do próprio Boscán, conforme as regras de patronato e normas dos serviços nobiliárquicos, os poetas do Renascimento espanhol começaram a experimentar uma nova forma de fazer poesia, cujo objetivo era transformar as antigas formas letradas e ficcionais, sobretudo aquelas de caráter cancioneril. É importante perceber que a personagem principal desse processo de renovação seria Juan Boscán e não outros escritores que, depois se tornariam muito famosos, como Garcilaso e Hurtado de Mendoza. De fato, naquele momento, em que a busca por aclimatar as formas da Antiguidade clássica era intensa, Boscán estava na vanguarda. Além disso, no contexto cultural de um conjunto de escritores notáveis, Boscán era considerado o mais culto, o mais experiente e com maior trânsito entre os grandes príncipes da aristocracia. Sem mencionar que ele fora o discípulo predileto do excelente Lucio Marineo Sículo.

Nesse sentido, em muitos aspectos, Juan Boscán havia se transformado em escritor mais representativo da literatura cortesã, desempenhando a função de grande articulador entre a antiga cultura palaciana a nova mentalidade de

cariz classicizante. De fato, a virtude de Boscán foi ter conseguido superar a dificuldade de transpor as matrizes da literatura romana da época imperial para o ambiente poético dos versos da tradição hispânica. Essa "tensión intelectual" seria aplacada justamente pela apropriação que Boscán realizou da epístola em verso de Horácio (BLECUA, 1970, p.24), conforme tratamos no âmbito deste trabalho. No limite, a aclimação das formas poéticas clássicas à tradição literária espanhola não se deu por conta de uma suposta falta de letramento pela aristocracia de corte ou mesmo pelos membros da família régia – justamente aqueles que exerciam a função de patronos e protetores dos poetas –, porém, pela intenção algo proposital de possibilitar acesso aos conteúdos dos escritores antigos para aqueles em que o latim era uma língua inacessível. A intenção de beneficiar a um público mais amplo, a quem faltava o devido letramento em latim clássico, era um lugar-comum freqüente na literatura hispânica renascentista. De fato, nesse período, é particularmente perceptível um esforço por forjar uma dicção coloquial com forte acento na simplicidade vocabular e no estilo próximo da conversação (YNDURÁIN, 1994, p.489). Essa *loquendi consuetudine* era a forma preferencial de comunicação entre letrados de altíssimo quilate. Assim dizia, definitivamente, o sempre lapidar Alonso de Cartagena:

Por ende, noble e discreto varón, si en algunas otras versiones vos respondi en lengua latina, flaca e rústicamente compuesta, aun agora más llano quiero ser, respondéndoos en nuestro romance en que fablan así caballeros como omnes de pie. E así los científicos como los que poco o nada sabemos. (CARTAGENA, 1983, p.45)

A troca epistolar no século XVI espanhol é uma dinâmica complexa de produção, disseminação, leitura e interpretação, privilegiando, no caso específico de Juan Boscán, a superação daqueles obstáculos para transpor os modelos clássicos ao ambiente discursivo das práticas letradas peninsulares. Nesse sentido, a epistolografia é, antes de tudo, uma estetização de hábitos e de comportamentos aristocráticos com forte impacto social e político. Tratava-se de instaurar uma cultura epistolar que demarcava uma forma nobiliárquica de convívio e de manutenção de laços sociais, e, a partir disso, o estabelecimento de redes de familiaridade e de distinção pessoal ou de grupo.

Não é por acaso que a epístola de Juan Boscán serve perfeitamente de testemunho de vida ou como guia de conduta, conforme valores e virtudes distintivos, com vistas a formar e difundir maneiras de refinamento de um estrato superior. A intimidade presente na carta, as referências de caráter pessoal e a emulação de um tom amistoso também se inserem em outros espaços regrados por manuais e ritos de civilidade, espelhos de príncipes, legislação de ordem moral, diários pessoais, normas de etiqueta e de conduta, "espelhos" nobiliárquicos e uma miríade de tantos outros discursos de índole normativa.

Como se sabe, com Roger Chartier (2001, pp.32-33), mesmo com esse quadro geral em que depõe fronteiras bem construídas, a leitura, a recepção e a apropriação dos discursos se realiza, neste contexto, a partir de referenciais classicizantes, conforme um conjunto de regras operativas, convenções de

gênero literário, e códigos e sistemas de lugares-comuns compartilhados. Tudo isso, configurando uma identidade coletiva e, assim, uma comunidade interpretativa. Nesse sentido, a materialidade da formulação escrita está estrategicamente articulada com a formação discursiva em que o leitor está inserido, porque a simples presença das palavras no corpo da carta, ou seja, os seus elementos referenciais e comunicacionais, não conseguem transferir imediatamente os significados do texto para o leitor. De fato, os efeitos de sentido dependem de um esforço de leitura por parte do leitor e de sua capacidade interpretativa. Como se refere Umberto Eco, o texto é uma “máquina preguiçosa” que necessita do combustível – a interpretação e o conhecimento de mundo – para fazer e para produzir sentido. (ECO, 2010, p.32)

Para finalizar, de passagem, reza uma anedota que o já referido poeta quinhentista português Sá de Miranda, mais famoso por ser “oficialmente” o introdutor do Renascimento em Portugal, havia recebido das mãos de seu mais dileto amigo, Antônio Pereira, um exemplar manuscrito das poesias de Juan Boscán, acrescidas de algumas composições poéticas de Garcilaso de Veja. O fato ocorreu provavelmente entre os anos de 1536 e 1537, pois é a data presumida justamente da composição da égloga mirandina “Nemoroso”, que fora escrita exatamente para lembrar a morte de Garcilaso, ocorrida em outubro de 1536. A lusitanista Carolina Michaelis esclarece que os primeiros contatos de Sá de Miranda com a poesia de Juan Boscán e de Garcilaso de la Vega foram a fonte de inspiração de suas églogas e de suas composições de caráter pastoril. Diz ela que:

Durante uma visita, que fizera a Antonio Pereira, ainda antes de 1536, o seu culto hospedeiro presenteou-o com um manuscrito precioso; eram as poesias de Garcilaso e Boscan, os dous poetas mais célebres do visinho reino e fundadores da escola italiana em Castela, escriptas de 1526 até então. Ambos (...) tinham acenado logo de um modo tão singular com o novíssimo estylo; os seus bellos versos tinham sido saudados com tanto entusiasmo, apesar da guerra aberta do partido popular, que fácil foi accender de novo a inspiração do nosso poeta com semelhantes exemplos. Sâ resolveu-se a continuar a obra da reforma, iniciada em Coimbra em 1527 sem resultado visível. Principiou d'esta vez com Éclogas em metro hendecasyllabo, de que conhecemos cinco, mas só uma em portuguez, e as restantes em hespanhol. (Apud MIRANDA, 1989, pp. xxviii-xxix).

Em outro lugar, no códice 11.353 (também denominado “códice Asensio”), sob guarda da Biblioteca Nacional de Lisboa, cuja rubrica diz “textos literários do séc. XVI (1530-1550)”, podemos verificar que comparecem várias composições de Juan Boscán, Garcilaso, Jorge Manrique, Jorge da Silva, Felipe Lobo, Jerónimo de Meneses, Alfonso de Albuquerque e Núñez de Reinoso; além de passagens selecionadas de Bernardim Ribeiro (*Menina e Moça*), do Anônimo autor de *Naceo e Amperidônia*, e da égloga “Basto” de Sá de Miranda, (TEIJEIRO FUENTES, 1996, t.I, pp.129-143).

Ora, a tradição das élogas e das poesias de temática pastoril está estrategicamente coordenada às tópicas centrais do elogio do retiro campestre, proposto pelas epístolas em verso de matriz horaciana. Trata-se de uma mistificação e estilização da Idade de Ouro, vale dizer, de um tempo antigo, reposto no momento presente, em que se cria todo um imaginário de paz e tranqüilidade universais, portanto sem a degradação dos costumes e a decadência dos bons hábitos. No âmbito das práticas doutrinárias do século XVI, em que concorre o âmbito letrado e cortesão, o cenário campestre, aqui, é o perfeito análogo proporcional dos quadros naturais do Paraíso terreal. Assim, a simplicidade da vida rústica refere-se ao equilíbrio anímico e ao controle das paixões por meio da dedicação às letras, do cultivo da amizade verdadeira, da companhia agradável da esposa e dos filhos, e do aprazível contato com a natureza, conforme vaticinava Juan Boscán em suas epístolas, escritas magistralmente em verso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAR, Carlos et al.. *Breve historia de la literatura española*. Madrid: Anaya Educativa, 2020.
- BLECUA, José Manuel. *Sobre la poesía de la Edad de Oro*. Madrid: Gredos, 1970.
- BOSCÁN, Juan. *Las Obras de Boscan y algunas de Garcilaso de la Vega*, s.l., s.d., 1546 – Biblioteca Nacional de Lisboa/Portugal/Seção de Reservados, Res. 4627 P.
- BOUZA, Fernando. *Corre Manuscrito*. Uma historia cultural del Siglo de Oro. Madrid: Marcial Pons, 2001.
- CARTAGENA, Alonso de. *Oracional*. Valencia: Albatros Hispanófila, 1983.
- CASTIGLIONE, B. *El Cortesano*. Traducción de Juan Boscán. Estudio preliminar de M. Menendez y Pelayo. Madrid: CSIS, 1942.
- CHARTIER, Roger. Cultura escrita, literatura e história. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Cultrix, 2010.
- LAPESA, Rafael. *De la Edad Media a nuestros días*. Madrid: Gredos, 1967.
- _____. *La trayectoria poética de Garcilaso*. Madrid: Revista de Occidente, 1948.
- LÓPEZ ESTRADA, Francisco. *Antología de Epístolas*. Barcelona: Labor, 1961.
- MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino, Antología de poetas líricos castellanos, v.X. Parte 3a.: Boscán. Madrid/Santander: CSIC/Sociedad Menéndez Pelayo, 1945.
- MIRANDA, Francisco de Sá de. *Poesias*. Edição de Carolina Michaelis. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989.
- PÓNTON, Gonzalo. *Correspondencias*. Los orígenes del arte epistolar en España. Madrid: Biblioteca Nueva, 2002.
- REICHENBERGER, Arnold. Boscán's Epístola a Mendoza. *Hispanic Review*, v.XVII, January 1949, n.1, pp.1-17.
- RIVERS, Elias L. The Horatian Epistle and its introduction into Spanish Literature. *Hispanic Review*, v.XXII, n.3, July 1954.

TEIJEIRO FUENTES, Miguel. El Solar de Basto: un lugar ameno para la poesía. *Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera*. Cáceres, 1 al 3 diciembre 1994. Edición Juan M. González y Antonio V. Camarasa. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1996.

YNDURÁIN, Domingo. *Humanismo y Renacimiento en España*. Madrid: Cátedra, 1994.